

RESENHA

JOHNSON, Chalmers. **Blowback**: Os custos e as consequências do império americano. Rio de Janeiro: Record, 2007.

A CONSTRUÇÃO DO IMPÉRIO AMERICANO SOB A PERSPECTIVA DE *CHALMERS JOHNSON* (1931-2010)

Shesmman Fernandes Barros de Melo¹

MELO, S. F. B. de. A construção do império americano sob a perspectiva de *Chalmers Johnson* (1931-2010). **Akrópolis**, Umuarama, v. 29, n. 2, p. 237-240, jul./dez. 2021.

DOI: [10.25110/akropolis.v29i2.8642](https://doi.org/10.25110/akropolis.v29i2.8642)

O livro intitulado *Blowback* foi escrito por Chalmers Johnson (1931-2010) justamente no ano que inaugurou o início do século XXI e findou-se o século XX. Importante saber que a obra possui uma relação direta e bastante realista conforme aquilo que Chalmers obteve como experiência durante sua trajetória profissional. O escritor foi analista externo da CIA durante 10 anos, também, conselheiro de muitos governos americanos, além de ser professor de História da Universidade da Califórnia, sempre muito focado em questões geopolíticas da Ásia, países como Japão e China, por exemplo, eram sempre estudados e discutidos por ele, preferencialmente no concerne de política externa. Entretanto, não porque manteve um relacionamento com governos norte-americanos que deixou de questionar, pode-se dizer de forma bem ácida, e criticar as ações tomadas pela política externa do país.

Sempre muito ativo em seus pensamentos e posicionamentos, o que acabou por trazer-lhe devido a isso, de acordo com Pinto (2013), uma falta de popularidade perante Washington. No entanto, na contramão desta animosidade das 'autoridades' da capital estadunidense, trouxe a este autor um destaque entre os críticos das atividades e estratégias adotadas pelos governos dos Estados Unidos.

De modo geral, sua maior acidez é derramada em detrimento ao imperialismo norte-americano, criado devido ao grande potencial que ao longo do século XX foi se desenvolvendo nos EUA, e que para ele interfere de modo significativo (político, social, econômico) nos demais países. Podendo esses, de certo modo, prejudicarem-se devido às intenções e ações da política externa disseminada pela potência econômica, seu de origem, EUA.

O mais cômico é que até antes do atentado do 11 de Setembro de 2001, em que dois aviões colidiram nos prédios mais conhecidos de Nova York, o livro não era tão popular. Após o fato, ele foi disseminado, popularizado e começou a ser traduzido para outros países. O termo *blowback*, o qual intitula a obra

¹ Mestre em História Política pela Universidade Estadual de Maringá.

de Chalmers, foi criado pela CIA, de acordo com o livro “para descrever a probabilidade de nossas operações secretas resultarem em represálias aos americanos, civis e militares, internamente e no exterior” (JOHNSON, 2007, p. 7). Entretanto, o autor confirma que o *blowback* caracteriza-se por serem ações desconhecidas pela população e ataques de retaliação contra grupos de civis que acontecem nas regiões em que os soldados estão instalados. A população dessas regiões não é capaz de compreender todo o processo e motivo pelo qual aquele ataque aconteceu. Eles ficam reféns de quaisquer ações que colocam suas vidas em risco, sem saber os reais motivos ou o que fomentou toda retaliação e ataques. O que acontece é que todas as vezes que um ataque desse ocorre, pode estar ligado diretamente a operações clandestinas por parte dos Estados Unidos para repreender e acabar com exércitos estrangeiros, como bem afirma Johnson (2007).

Logo no início do livro, o autor já questiona o motivo pelo qual países da Ásia sentem tanto ódio pelos EUA, contestando a fala de Bush, após o atentado de 11 de setembro: “Por que eles nos odeiam tanto?”. Chalmers indaga, em palavras mais claras, por que temos de ser os cordeiros e eles os malvados? Ao longo de toda obra, o professor de história descreverá fatos e ações políticas de governos americanos que para protegerem sua imagem, costumavam culpar as ações de guerra, mortes e atentados, todos aos demais países, colocando os EUA como vítimas apenas defendendo o que é de direito seu. Assim como bem fala o escritor, quando afirma “minha intenção ao escrevê-lo era advertir meus companheiros americanos para a natureza e a condução da política externa dos EUA na segunda metade do século anterior” (p. 8).

Um desses exemplos seria quando pelo autor é citado um caso em que aviões americanos, localizados no norte da Itália, sobrevoaram o local de maneira imprecisa, por pilotos da marinha, que por estarem em altura muito baixa, cortaram o cabo de um teleférico, matando vinte pessoas que estavam no local. A ação causou revolta, principalmente pela velocidade altíssima que estava o avião e pela baixa altitude localizado. O caso foi julgado em Carolina do Norte-EUA e todos os envolvidos foram absolvidos, afirmando que o que ocorreu fora um acidente de treinamento (JOHNSON, 2000).

O fato não é isolado, de acordo com o autor, mas representa muitas ações praticadas

indevidamente em diferentes regiões do mundo e que acabam se tornando nota de esquecimento no imaginário da população norte-americana, que por muitas vezes, acaba nem sabendo destas situações. A versão imposta e passada pelos meios de comunicação midiáticos, mostram outras situações e acabam omitindo fatos e colocando culpados que na verdade podem ser apenas vítimas.

Para Pinto (2013), Johnson possui uma análise que questiona, além dessas ações muitas vezes desconhecidas pela população em geral, também o impacto causado na economia, política e primordialmente, democracia dos Estados Unidos:

[...] como se depreende do texto de Johnson, não apenas muitas coisas vão mal ao mesmo tempo, como também muitas delas são muito graves, atingindo setores tão estratégicos para a sociedade, como as estruturas políticas (democracia) e a economia (orçamento público)” (p. 389).

A democracia, no pensamento de Johnson, pode estar ameaçada para os norte-americanos, devido a formação de grupos de interesse que acabam abafando, aos poucos e de forma muito discreta, as ações políticas e governamentais de interesse em manter a segurança democrática do país, colocando no lugar suas decisões como únicas e exclusivas. Em detrimento dessas ações desconhecidas pela população, ou veladas e discretas para não alerdarem, é que os grupos democráticos perdem sua força e poder para as demais formações (PINTO, 2013).

Além disso, afetar economicamente o país está, segundo Johnson (2007), diretamente ligado à necessidade de investimento e gastos excessivos em materiais de defesa. O que desregula a distribuição economia e afeta diretamente a população em geral do país. Segundo Johnson, o material de defesa secreto utilizado pelo governo tem gastos excessivos, cerca de 40% da economia, e ao mesmo tempo é desconhecido por todos (JOHNSON, 2007).

Johnson (2007), ao longo dos capítulos, apresenta diversas situações complexas e que, por intermédio do governo e justiça americana, foram abafados. O autor sempre faz referência às ações norte-americanas que prejudicam pessoas ou países diversos. Um exemplo de fatos como este está presente no início do capítulo 2, intitulado “Okinawa: a última colônia da Ásia”:

[...] dois fuzileiros navais americanos e um marinheiro agarraram uma menina de 12 anos de Okinawa quando ela seguia das compras para casa, amarraram-na e amordaçaram-na, levaram-na num carro alugado para um lugar remoto e a estupraram. O fuzileiro Kendrick Ledet vedou sua boca, seus olhos, suas mãos e pernas com fita isolante. [...] Ele confessou ter estuprado a menina, enquanto os outros dois alegaram que apenas a sequestraram e a espancaram” (JOHNSON, 2007, p.77).

Para finalizar o caso, o autor afirma que todos os três foram treinados e se prepararam para se tornarem soldados, mas que, por incrível que pareça, um deles, no passado, fora até coroinha de uma igreja. Mais irônico ainda é quando Johnson (2007) diz que os três alegaram apenas estarem se divertido. Fato que preocupa o autor e que intensifica a ideia de que esta história não é um caso isolado.

O exemplo dado pelo autor, não só recai no ato criminoso como também nos acampamentos que esses militares ficam alojados e a influência que recebem desses ambientes. Ele alega que o treinamento na base militar americana intensifica o pensamento violento dos militares e corrobora para que tais práticas sejam aceitas pelos próprios comandantes, como se fossem situações comuns. O que, em mais uma vertente, pode, de fato se tornar o viés da normalidade da violência nas mais distintas regiões em que os soldados norte-americanos estejam instalados. Este é um exemplo que aconteceu em Okinawa, mas que não é isolado. Segundo o autor, essas práticas são comuns em muitos alojamentos de militares norte-americanos, principalmente nas regiões do continente Asiático.

No auge da Guerra Fria, os Estados Unidos construíram uma rede de bases militares que se estendia da Coreia e do Japão, passando por Taiwan, Filipinas, Tailândia e Austrália até Arábia Saudita [...] – na verdade cercando a União Soviética e a China com literalmente milhares de instalações militares além-mar (JOHNSON, 2007, p. 79).

Os casos se repetem ao longo de todo livro, não só pautados em atos violentos ou abuso sexual, como todas as demais práticas das quais demandam impactos econômicos, sociais e

interesses políticos por trás. O governo americano, de acordo com o autor, está sempre a espreita de uma boa oportunidade para se manter em vantagem, mesmo que para isso, o preço seja caro e as consequências gigantescas. Mas, o escritor, diz que não sabe como isso continuará se estendendo pelo século XXI, há 21 anos, quando escreveu, disse que jamais poderia fazer impressões futuras, entretanto, afirma que “[...] é na melhor das hipóteses, uma tarefa perigosa” (JOHNSON, 2007, p. 115).

Para finalizar esta vasta obra, o autor termina com um importante capítulo no qual faz reflexões acerca das consequências geradas pelas ações da política externa norte-americana. O capítulo foi intitulado “As consequências do Império” e começa questionando se de tanto acusar outros países classificando-os como “Estados párias - aquele que age de forma completamente distinta do que exigem as normas internacionais de comportamento -, não tenha se tornado um também. (JOHNSON, 2007).

De fato, por final, a grande busca pelo autor foi evidenciar o que muitas vezes não é mostrado pelo governo. As manipulações midiáticas e políticas que mantêm um ideal convencional de que o que o país faz é pelo bem da nação e de todos, entretanto, há muitos caso e exemplos citados por Johnson que provam completamente o contrário. Casos sem solução, abafados, silenciosos, quietos, que movimentam muitas regiões do mundo causando consequências desagradáveis não só para outros países, como também para os próprios americanos.

Bem como afirma que “[...] custou aos Estados Unidos 5,5 trilhões de dólares construir e manter nosso arsenal nuclear” (JOHNSON, 2007, p. 299), comparando o investimento feito pelos EUA ao que fez a URSS em 1988, quando entrou em colapso econômico. Para ele o fim da Guerra Fria iniciou um percurso mais gélido ainda que o anterior, uma busca por conquistas imperialistas que colocam o país a pensar que são vencedores, entretanto, não podem enxergar a possibilidade de uma queda.

REFERÊNCIAS

JOHNSON, Chalmers. **Blowback**: Os custos e as consequências do império americano. Rio de Janeiro: Record, 2007.

PINTO, Roberto Bueno. O império como conflito:

Chalmers Johnson e a política externa norteamericana. **Prisma Jurídico**, v. 12, n. 1, p. 387-405, 2013.